



GT- 8 Informação e Tecnologia

ISSN 2177-3688

A ECOLOGIA INFORMACIONAL COMPLEXA DO MUSEU DA DIVERSIDADE SEXUAL

THE COMPLEX INFORMATIONAL ECOLOGY OF THE MUSEUM OF SEXUAL DIVERSITY

Jean Fernandes Brito - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP)

Daniel Martínez-Ávila - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP)

Silvana Aparecida Borsetti Gregorio Vidotti - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: A análise da ecologia informacional complexa do museu da diversidade sexual nos permite explorar e entender como o museu cria um ambiente de representação, visibilidade e resistência LGBT+ além de fornecer contribuições efetivas para aprimorar a experiência dos sujeitos e promover uma sociedade mais inclusiva e igualitária. Diante do exposto, a pesquisa tem o seguinte problema de pesquisa: Como está estruturada a Ecologia Informacional Complexa do Museu da Diversidade Sexual? Assim o objetivo dessa pesquisa é analisar a ecologia informacional complexa do Museu da Diversidade Sexual, bem como propor ações de melhorias nessa ecologia visando uma sistematização efetiva e a interação entre os sujeitos. Metodologicamente foi realizada uma pesquisa de campo, por meio de aportes do método etnográfico, analisando os ambientes (analógicos e digitais), as tecnologias, bem como o comportamento dos sujeitos envolvidos nessa ecologia informacional. Portanto é essencial compreender a importância da ecologia informacional complexa do Museu da Diversidade Sexual e seu papel na promoção da diversidade e dos direitos humanos. Por meio dessa análise foi possível explorar como os ambientes, as tecnologias e os sujeitos interagem nessa ecologia informacional complexa.

Palavras-chave: ecologia informacional complexa; museu da diversidade sexual; arquitetura da informação.

Abstract: The analysis of the complex informational ecology in the sexual diversity museum allows us to explore and understand how the museum creates an environment of LGBT+ representation, visibility and resistance, in addition to providing valuable contributions to enhance the experience of subjects and promote a more inclusive and egalitarian society. Given the above, the research has the following research problem: How is the Complex Informational Ecology of the Museum of Sexual Diversity structured? Thus, the objective of this research is to analyze the complex informational ecology of the Museum of Sexual Diversity, as well as to propose actions to improve this ecology, aiming at an effective systematization and interaction between subjects. Methodologically, field research was carried out, through contributions of the ethnographic method, analyzing the environments (analog and digital), the technologies, as well as the behavior of the subjects involved in this informational ecology. It is therefore essential to understand the importance of the Museum of Sexual Diversity's complex informational ecology and its role in promoting diversity and human rights. Through this analysis, it was possible to explore how environments, technologies and subjects interact in this complex informational ecology.

Keywords: complex informational ecology; museum of sexual diversity; information architecture.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, tem havido um aumento significativo na conscientização e discussão sobre a diversidade sexual e de gênero em todo o mundo. Nesse contexto, os museus desempenham um papel fundamental como ambientes de expressão, reflexão e disseminação de informações sobre questões relacionadas à identidade e orientação sexual.

Um museu que se destaca nesse contexto é o Museu da Diversidade Sexual (MDS), localizado na cidade de São Paulo, Brasil, nas dependências da estação República da Companhia do Metropolitano de São Paulo. Seu compromisso é promover a visibilidade e a compreensão da diversidade sexual. Essa instituição cultural é uma **ecologia informacional complexa** inovadora que utiliza de ambientes analógicos, digitais e híbridos como redes de ativismo e sociabilidade para as pessoas LGBT+¹ (BRITO; MARTÍNEZ-ÁVILA; VECHIATO; VIDOTTI, 2020, grifo nosso).

Segundo Brito (2023), as ecologias informacionais complexas (EIC) no âmbito dos museus possuem como elemento central a Informação em Museus, que por sua vez se concatenam com os ambientes (analógicos e digitais), as tecnologias, os sujeitos e seus respectivos comportamentos. Essa estrutura dialoga com as funções estruturais do Museus, como a Pesquisa, a Salvaguarda e a Comunicação, e estão interligadas pelos sujeitos informacionais conforme o suporte que estão inseridos (BRITO 2023; OLIVEIRA 2014). Uma EIC em museus vai além dos objetos musealizados pela instituição, e deve ser considerada a realidade local, os entornos e os processos de gestão e comunicação museológica.

Os pesquisadores Wakkary e Everden (2005), evidenciam a importância de desenvolver análises e avaliações em museus, que envolvam pessoas, tecnologias e ambientes. Segundo os autores, é necessária uma estrutura analítica para projetar tecnologias efetivas em Museus. As EIC em museus nos permitem visualizar e analisar os museus de forma holística, além de fornecer contribuições efetivas para aprimorar a experiência dos sujeitos informacionais.

Diante do exposto a pesquisa tem o seguinte problema de pesquisa: Como está estruturada a Ecologia Informacional Complexa do Museu da Diversidade Sexual?

¹ Neste trabalho optamos por utilizar o acrônimo LGBT+, que se refere às Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e outras identidades.

Assim o objetivo dessa pesquisa é analisar a ecologia informacional complexa do Museu da Diversidade Sexual, bem como propor ações de melhorias nessa ecologia visando uma sistematização efetiva e a interação entre os sujeitos.

Metodologicamente foi realizada uma pesquisa de campo, por meio de aportes do método etnográfico, analisado os ambientes (analógicos e digitais), as tecnologias, bem como o comportamento dos sujeitos envolvidos nessa ecologia informacional.

Essa pesquisa está estruturada em 6 seções. Sendo a seção 1: Considerações iniciais da pesquisa; A seção 2 apresenta o referencial teórico enfocando as ecologias informacionais complexas em museus; A seção 3 descreve os procedimentos metodológicos; a seção 4 apresenta os ambientes, as tecnologias e os comportamentos dos sujeitos na ecologia informacional complexa do MD; A seção 5 apresenta as ações de melhoria com base na análise realizada e por fim na seção 6, as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

As EIC são objetos de investigação da Arquitetura da Informação Pervasiva (AIP) que por sua vez, é uma nova abordagem da Arquitetura da Informação, que alia informação e pervasividade em seus contextos (OLIVEIRA, 2014). Nesse sentido, as ecologias informacionais complexas são conceituadas como “um conjunto de espaços e ambientes, (analógicos, digitais ou híbridos), tecnologias (analógicas, digitais ou híbridas) e comportamento dos sujeitos” (OLIVEIRA; VIDOTTI, 2016, p. 97).

A complexidade sinalizada por Oliveira (2014) explicita aportes epistemológicos e teóricos com base em Morin (2015), que apresenta processos de complexidade como algo inseparável e que constitui um todo.

Ao se referir ao delineamento das ecologias informacionais complexas, recorreremos aos estudos de Torino (2023) e Brito (2023), e optamos por utilizar a tríade: **ambientes** (analógicos e digitais), **tecnologias** (analógicas, digitais ou híbridas) e **comportamentos dos sujeitos**. Destacamos também que o termo espaço não é excludente, uma vez que ele se relaciona com os ambientes e sujeitos dentro da ecologia. Assim de modo a entender os conceitos chaves, apresentamos as definições no quadro 1:

**XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB
Aracaju-SE – 06 a 10 de novembro de 2023**

Quadro 1: Tríade das ecologias informacionais complexas

Termo	Conceito
Ambientes	<p>É total, é geográfico e social, porquanto comporta elementos humanos e não-humanos. No bojo dos interesses da Ciência da Informação e da Arquitetura da Informação, o termo ambiente se torna mais adequado para ser utilizado nos contextos informacionais, pois além de considerar o potencial de armazenagem de informações, também considera os elementos humanos, comportamentais e sociais que condicionam este processo de armazenagem. A noção de ambiente incorpora adequadamente os sujeitos que representam, tratam, armazenam, recuperam, acessam, usam, modificam e voltam a armazenar informações que dizem respeito a alguma experiência informacional, marcadamente humana e que se dá no tempo, no espaço, na história e na cultura (OLIVEIRA; VIDOTTI, 2016, p.97)</p>
Tecnologias	<p>As tecnologias contribuem de forma expressiva para a sociedade atual, por meio delas os sujeitos navegam e utilizam de diversos meios para a informação e comunicação, em especial a World Wide Web (Web), que envolvem as mídias sociais digitais, sites, aplicativos etc. Por meio das tecnologias os sujeitos estão interligados e conectados por todos os canais possíveis de informação.</p>
Comportamento dos sujeitos	<p>O comportamento informacional no contexto da Ciência da Informação é entendido como o comportamento e a relação dos sujeitos informacionais em todas as possibilidades de canais, atributos, processos e fontes de informação, incluindo os processos de busca e uso da informação, seja ela pessoal ou informacional (WILSON, 2000). O comportamento de um sujeito dentro de uma ecologia informacional complexa pode ter diversas abordagens e características como: a) a busca por uma informação; b) entretenimento e lazer; e c) acesso e ampliação do conhecimento; d) lugares de passagem e/ou</p>

	vivência dos sujeitos (BRITO, 2023)
--	-------------------------------------

Fonte: adaptado de Brito (2023, p.45)

Na literatura da Ciência da Informação, as EIC têm sido problematizadas em diversos contextos e perspectivas na qual podemos sinalizar as pesquisas desenvolvidas por Oliveira e Vechiato (2020); Oliveira, Freire e Silva (2015); Oliveira e Vidotti (2016); Oliveira e Lima (2016); Torino (2023). No âmbito dos museus, destacamos em especial o trabalho de Lima e Santos (2018) que discute as tecnologias ubíquas no Museu de Artes da Pinacoteca, e as pesquisas de Brito e Matias (2018) e Brito; Martínez-Ávila; Vechiato; Vidotti (2020) que analisaram os museus em uma perspectiva tecnológica e ecológica, com estudos aplicados sobre tecnologias de informação e comunicação.

A ecologia informacional complexa em museus é baseada no conceito de que os museus são sistemas complexos compostos por ambientes analógicos, digitais e híbridos interconectados que interagem com diversos sujeitos, como visitantes, funcionários, objetos de coleção e tecnologias. Essa abordagem reconhece a importância da informação e da interação na criação de experiências significativas e no fortalecimento da relação entre os sujeitos e o museu (BRITO, 2023). Além disso, as EIC em museus propõem uma abordagem holística e sistêmica para entender a dinâmica dos museus de qualquer porte ou natureza, destacando importância da informação, da interação na criação de experiências *cross channel*² para os sujeitos e na evolução dos museus como instituições relevantes na sociedade contemporânea.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa apresenta natureza qualitativa e aplicada, utilizando aportes metodológicos da etnografia. A etnografia é um método qualitativo, alicerçado no campo das ciências sociais, em especial na Antropologia, que tem por objetivo estudar *in loco* uma determinada comunidade ou grupo específico. Ela é considerada como "arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças" (ANGROSINO, 2009, p. 30).

Na visão de López (1999), o método etnográfico apresenta a compreensão e as características de um grupo social, ou alguma instituição e por meio de uma pesquisa de

² Tradução literal de cruzamento de múltiplos canais.

campo procura interpretar aquilo que os sujeitos vivem em uma determinada comunidade ou determinado contexto.

A análise realizada no âmbito dessa pesquisa tem base na etnografia, pois permite identificar e analisar os ambientes (analógicos ou digitais), as tecnologias e os comportamentos dos sujeitos em um determinado contexto e em uma realidade específica.

A etnografia possibilita à ciência da informação inserir o indivíduo como eixo da problemática informacional. Com isso, permite ao pesquisador direcionar uma atenção especial aos aspectos intersubjetivos ligados ao modo como se dá a relação entre **indivíduo e informação** em diferentes contextos sociais. (NUNES; CARNEIRO, SILVA, 2019, p. 23, **grifo nosso**).

Os museus, em especial o Museu da Diversidade, apresentam singularidades em seus ambientes e que necessitam ser explorados de maneira que seja possível entender as relações que ali são construídas.

A pesquisadora Costa (2016, n. p.) defende que “os museus se constituem em espaços profícuos para uma abordagem etnográfica acerca da relação homens, temporalidades e objetos”. Concordamos com a pesquisadora em utilizar a etnografia no contexto dessa pesquisa, pois, além de analisar e identificar a ecologia informacional complexa no MDS, o contato do pesquisador com o campo amplia a discussão acerca da realidade social, que muitas vezes é esquecida.

A pesquisa de campo³ foi realizada no período de maio a início de dezembro de 2021, período da pandemia de Covid-19, durante a exposição intitulada “Orgulho e Resistências – LGBT na ditadura”, sob a curadoria de Renan Quinalha, apresentando relatos e vivências das pessoas LGBT+ durante o período da ditadura militar no Brasil.

A etnografia se deu por meio de três etapas principais. Primeira etapa: Identificação e observação dos ambientes analógicos e digitais do museu, incluindo as fotografias, conversas informais e anotações no caderno de campo. A Segunda etapa: entrevista com o diretor do museu de forma presencial; e terceira etapa: observação e conversas informais dentro do Museu da Diversidade Sexual com educadores e visitantes. O instrumento para coleta de dados junto aos sujeitos, visando o seu comportamento, foi desenvolvido em forma de roteiro de observação, entrevista semiestruturada e observação diária participante com base nos estudos das ecologias informacionais complexas proposta por Oliveira (2014).

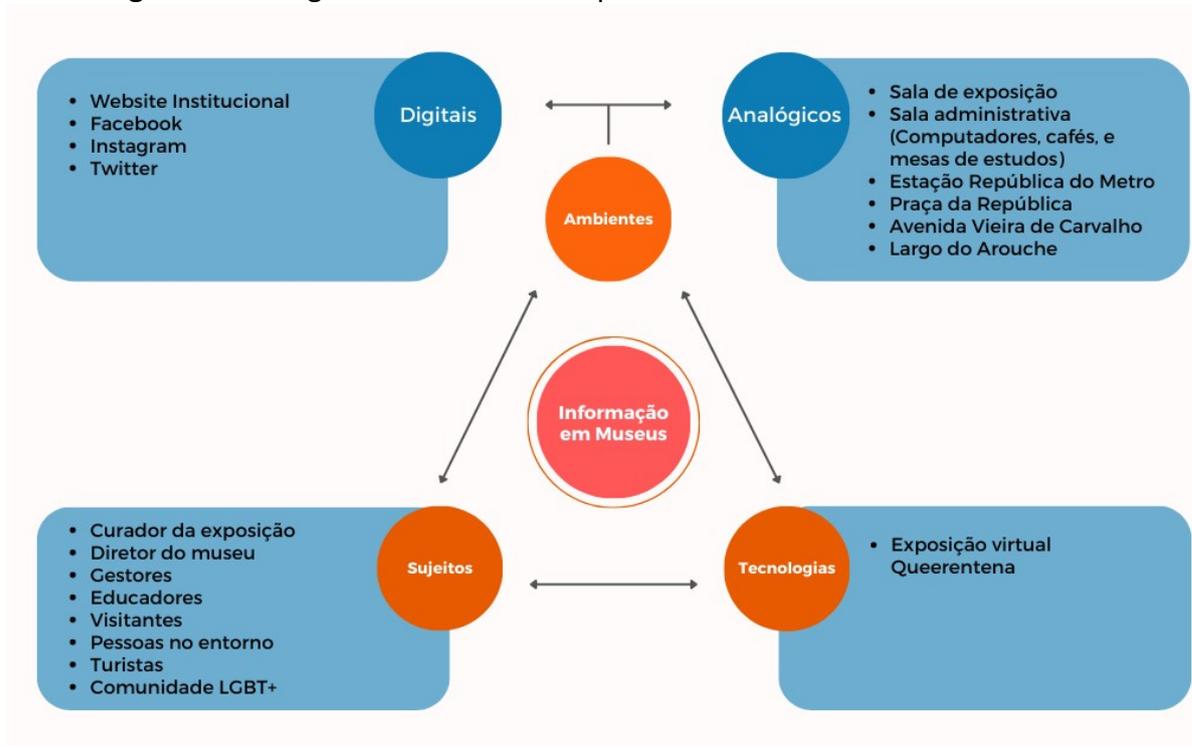
³ A pesquisa tem a aprovação do comitê de ética em pesquisa (CEP) da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) Unesp - Marília. Data de aprovação: 07 de setembro de 2020 Número do parecer: 4.262.528.

Quantitativamente foram realizadas mais de 200 conversas informais com turistas, visitantes do museu, pessoas no entorno, educadores, de modo a permitir uma visão holística da ecologia do MDS.

4 A ECOLOGIA INFORMACIONAL COMPLEXA DO MUSEU DA DIVERSIDADE SEXUAL

A ecologia informacional complexa do Museu da Diversidade Sexual refere-se ao ambiente informacional e interativo criado pelo museu para transmitir conhecimento e experiências relacionadas à diversidade sexual. O MDS compreende além do espaço tradicional (ambiente analógico), um conjunto de ambientes que estão interligados pela informação, como por exemplo ambientes informacionais digitais, exposições virtuais, itinerantes, projetos institucionais, que serão detalhados a seguir. Na figura 1 apresentamos a identificação dos ambientes analógicos, digitais, tecnologias e os sujeitos envolvidos na ecologia informacional complexa do MDS.

Figura 1 - Ecologia informacional complexa do Museu da Diversidade Sexual



Fonte: O autor (2023).

A seguir são descritos os detalhamentos da EIC no MDS, apresentando os ambientes analógicos, digitais, as tecnologias, bem como o comportamento dos sujeitos.

4.1 Ambientes digitais e tecnologias no Museu da Diversidade Sexual

Os ambientes digitais identificados na ecologia informacional do Museu da Diversidade Sexual contemplam o *website* institucional e as respectivas mídias sociais, Facebook, Instagram e Twitter.

a) Website institucional: Um dos ambientes digitais presentes na ecologia informacional complexa do Museu da Diversidade Sexual é o *website* institucional. Ele apresenta informações relevantes sobre o museu, bem como dados pertinentes à secretaria de cultura e arte de SP, na qual o MDS é vinculado.

b) Facebook: O Facebook do museu é uma *fanpage* que apresenta e divulga informações sobre as novas exposições, ações culturais, além de ser um ambiente de sociabilidade e ativismo LGBTQ+.

c) Twitter: O Twitter do museu é sincronizado com o Facebook e propicia o impulsionamento por meio de *tags (folksonomia)*, na qual o próprio sistema faz um ranqueamento nos termos mais utilizados pelos usuários. As *tags*, com maior impulso no Twitter, aparece nos *trending topics*, que são os assuntos mais comentados em um dado contexto e época.

d) Instagram: O Instagram é a mídia social digital mais utilizada pelo museu. O alcance por meio dos *stories*, destaques, curtidas e compartilhamentos potencializa o acesso e divulgação das exposições no MDS.

Em meio à pandemia de Covid-19, o MDS ficou fechado por mais de um ano e precisou se reinventar e utilizar das tecnologias de informação e comunicação para divulgar as suas exposições. Diante disso, o museu apresentou a Queerentena, a primeira exposição virtual do museu com artistas LGBTQ+ que encontraram formas de discutir as pautas do cotidiano.

e) Exposição virtual - Queerentena: O nome Queerentena, vem de Teoria *Queer*, teoria essa aplicada pela pesquisadora Judith Butler e que discute a ideia de não binarismos de gênero (*Queer*). A exposição virtual utiliza de diversas TIC como ampliação de tela e vídeos interativos, de modo a promover uma aproximação com os sujeitos.

4.2 Ambientes analógicos

Os ambientes analógicos identificados e analisados no estudo foram a sala de exposição, os entornos (que contemplam a estação de metrô República, a Praça da República, a Avenida Vieira de Carvalho e o Largo do Arouche).

a) Metrô República e a Praça da República: Uma das partes integrantes da ecologia informacional complexa do museu é a sua localização, no caso, o subsolo do metrô República. A estação República liga a Linha 3 - Vermelha do metrô e a Linha 4 – Amarela, que é operada pela empresa Via Quatro.

O bairro República tem como ponto principal a Praça da República, ponto turístico principal do centro da capital de São Paulo. A área é famosa por sua vida noturna, com bares, casas noturnas e feiras, frequentado principalmente pelo público LGBTQ+. Ao redor da Praça da República encontra-se a **Avenida Vieira de Carvalho**, avenida tradicional do centro de SP e o **Largo do Arouche**, um bairro de luta e ativismo LGBTQ+, um dos motivos pelo qual o museu da diversidade está localizado nessa região. No entanto, infelizmente, a praça da República na atualidade tem sofrido diversos problemas sociais como a violência urbana fruto do descaso do poder público, o que acaba interferindo nas atividades culturais promovidas pelo museu.

Na figura 2 apresentamos parte da **sala de exposição**, e um objeto museológico na parte interna do MDS que elucida o primeiro encontro brasileiro de homossexuais que foi realizado em 06 de abril de 1980.

Figura 2 - Exposição na parte interna do Museu da Diversidade Sexual



Fonte: O autor (2021).

Os sujeitos informacionais se relacionam e utilizam dos fluxos informacionais presentes no MDS. Tais constatações foram narradas pelos sujeitos envolvidos na ecologia, como o diretor do museu, os frequentadores, os educadores, e que serão descritos com mais detalhes na próxima subseção.

4.3 Comportamento dos sujeitos: notas do pesquisador em campo⁴

Nessa subseção descrevemos os sujeitos e seus comportamentos no contexto da ecologia informacional complexa no Museu da Diversidade Sexual. Para a apresentação dessa etapa consideramos os sujeitos informacionais em dois contextos, os dos ambientes analógicos e os sujeitos nos ambientes digitais

No contexto dos ambientes digitais, as observações e análises foram realizadas principalmente nos comentários nas mídias sociais digitais, em que os sujeitos se manifestavam por meio dos emojis e tags para concordar ou realizar alguma crítica sobre as postagens apresentadas. As postagens do Instagram sempre marcavam ações que eram realizadas no museu; os stories aconteciam em menores proporções, mas as publicações no feed eram intensas. O Twitter era vinculado ao Facebook, então ambas as páginas tinham as mesmas publicações. Os sujeitos que gostavam das postagens e publicações geralmente repostavam em suas páginas pessoais e marcavam o MDS em suas postagens.

⁴ Partes desta seção são escritas em primeira pessoa, de modo a vivenciar a realidade do pesquisador em campo durante a pesquisa etnográfica.

XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB
Aracaju-SE – 06 a 10 de novembro de 2023

Conforme observado e apontado na entrevista, o processo de comunicação por meio das mídias sociais digitais poderia ter sido aprimorado, bem como o envolvimento maior com a comunidade no contexto da pandemia. O diretor comentou sobre como as Organizações Sociais (OS) estabelecem a dinâmica com os museus, inclusive no que diz respeito às alterações na interface do *website*, o que ficou comprometido, com as apresentações e divulgação das informações acerca das atividades do museu. O diretor também sinalizou sobre o curador da exposição e o impacto da exposição sobre a ditadura em uma sociedade ainda homofóbica e transfóbica.

Os ambientes digitais promoviam diversas atividades, mas que de um modo geral eram distanciados com a realidade do museu. A ausência de postagens representativas e a sincronização das informações distanciava o museu dos frequentadores e de toda a ecologia do museu.

No que diz respeito à participação dos sujeitos nos ambientes analógicos, essa sem dúvida foi o maior desafio para mim, enquanto pesquisador em campo. A pandemia contribuiu com a fome e a miséria na conhecida Selva de Pedra, os cinco primeiros meses foram as observações nos entornos: metrô República, Praça da República, Largo do Arouche e na Avenida Vieira de Carvalho. Todo esse trajeto é simbólico para a luta e movimento LGBT+ da cidade conforme já dito por mim e fora apresentado pelo diretor durante a entrevista. No decorrer da pesquisa, quando estive nos entornos, as pessoas paravam, ficavam olhando, presenciei assaltos, o que fez com que utilizasse menos o celular quando estava fora do museu. Geralmente eu deixava a bolsa em frente ou dentro do museu e saía apenas com a prancheta e as folhas e caneta para fazer as anotações.

Enquanto profissional da informação comecei a anotar e perceber o que faltava naquela ecologia informacional e como eu poderia interferir naquele contexto específico. Além de políticas públicas efetivas, diversas atividades poderiam ser melhoradas naquele contexto social. Mas a realidade da pandemia não permitia fazer e desenvolver muitas coisas. O tempo todo estive de máscara e procurava fazer as anotações para não perder sequer um detalhe.

A ausência de placas, folhetos e banners dificulta os sujeitos se localizarem e se encontrarem na ecologia do Museu da Diversidade Sexual. As pessoas desconhecem o museu, que existe ali há quase 10 anos. O museu, ao mesmo tempo que está próximo, está distante do entorno, longe das atividades culturais, do acervo e da coleção.

Compreender o comportamento dos sujeitos no contexto de uma ecologia informacional complexa é um dos maiores desafios, pois ela é composta por realidades distintas e que são mutáveis de acordo com o contexto estabelecido. A realidade da pesquisa de 2021 provavelmente não será a mesma de 2022 ou 2023. Os sujeitos mudam e se alteram e alteram de acordo com as vivências nos ambientes, que é social e ao mesmo tempo geográfico.

5 AS AÇÕES DE MELHORIA NA ECOLOGIA INFORMACIONAL COMPLEXA DO MUSEU DA DIVERSIDADE SEXUAL

A Ecologia Informacional Complexa do Museu da Diversidade Sexual apresenta características de um ambiente informacional interativo criado pelo museu para abordar a diversidade sexual e de gênero. Diante disso, apresentamos quatro pontos fundamentais em sua estrutura como:

Mídias e tecnologias: O uso de diferentes formas de mídia, como fotografias, vídeos, áudios e documentos históricos, permite ao museu transmitir informações de maneira diversificada e envolvente. A tecnologia desempenha um papel fundamental na criação de uma experiência multimídia e interativa para os visitantes.

Interação social: O museu também é um espaço de encontro e diálogo, onde os visitantes podem interagir entre si e com o corpo de funcionários do museu. Isso cria um ambiente propício para a troca de experiências, a discussão de questões relacionadas à diversidade sexual e de gênero e o compartilhamento de histórias pessoais.

Acesso à informação: O Museu da Diversidade Sexual busca fornecer informações acessíveis e inclusivas sobre a diversidade sexual, garantindo que pessoas de diferentes origens e níveis de conhecimento possam se beneficiar da visita. Isso inclui a disponibilização de materiais em diferentes formatos e idiomas, bem como a acessibilidade física para pessoas com deficiência.

Redes de conhecimento: O museu também é conectado a uma rede mais ampla de organizações, instituições e ativistas que trabalham em prol da diversidade sexual e de gênero. Essa conexão com outras entidades fortalece a disseminação de informações, a colaboração e a promoção de ações conjuntas.

O Museu da Diversidade Sexual apresenta particularidades em sua ecologia informacional complexa. Considerando o período que foi desenvolvida a coleta de dados, a realidade do museu não pode ser percebida em sua totalidade. O museu apresenta

XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB
Aracaju-SE – 06 a 10 de novembro de 2023

ambientes digitais e tecnologias significativas, como as mídias sociais digitais e exposições virtuais. No entanto, as possibilidades de acesso que os sujeitos têm no contexto da ecologia ainda é escasso. Portanto, é necessário a proposição de ações de melhorias específicas para o Museu considerando toda a sua realidade ecológica. Com base na análise apresentada e a visão geral da estrutura apresentamos algumas ações de melhoria, de modo a contribuir para a ecologia informacional complexa do Museu da Diversidade Sexual, a saber:

- a) Propor e utilizar tags interativas nas postagens nas mídias sociais que remetem ao acervo e às exposições virtuais;
- b) Disponibilizar o link do *website* institucional nas mídias sociais digitais, de modo que o acesso seja integrado em diversas plataformas, permitindo, assim, experiências *crosschannel*;
- c) Realizar marcações em todas as mídias sociais digitais sobre a localização do museu, bem como os horários de funcionamento, contatos para agendamento e visita de grupos fechados;
- d) Alinhar com o metrô a possibilidade de inserção de links interativos na página oficial da estação República que liga as linhas Vermelha e Amarela da Companhia Metropolitana do metrô;
- e) Disponibilizar QR-CODE nos ambientes analógicos e mídias impressas que remetam às novas exposições;
- f) Apresentar placas de sinalização nos entornos do museu, como na Praça da República, Largo do Arouche e Avenida Vieira de Carvalho, de modo a impulsionar os moradores locais a conhecer o Museu da Diversidade Sexual;
- g) Utilizar de mídias offline como panfletos, encartes com o link das mídias sociais, *website* com as novas exposições, horário de funcionamento e uma breve descrição dos objetivos do museu;
- h) Disponibilizar editais com exposições itinerantes que contemplem os entornos do museu, além do território nacional;
- i) Desenvolver atividades culturais, de modo a conhecer os sujeitos informacionais nos entornos e verificar como o museu pode contribuir para perceber aquela realidade social;
- j) Promover parcerias com ONGs LGBTQ+, de modo a promover feiras, rodas de conversas e outros eventos que atendam à realidade da comunidade;
- k) Fomentar o museu como espaço propício para o turismo LGBTQ+;

**XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB
Aracaju-SE – 06 a 10 de novembro de 2023**

Como mencionado anteriormente, a proposição das ações de melhoria foi construída com base na pesquisa de campo realizada no ano de 2021, e não esgota as discussões acerca de melhorias no contexto da ecologia do Museu da Diversidade Sexual. Vale destacar que as propostas aqui apresentadas não dependem apenas do museu, mas de outros ambientes, canais e organizações que podem contribuir para que o museu funcione de forma ecológica, alinhando os ambientes, as tecnologias e os sujeitos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a ecologia informacional do MDS, compreendemos o museu como um agente de transformação social, fornecendo um ambiente sociocultural para discussões e reflexões sobre diversidade sexual e de gênero.

Os objetivos estabelecidos foram abordados e respondidos nas seções 4 e 5, destacando os ambientes digitais, analógicos e as tecnologias utilizadas no MDS, bem como o comportamento dos sujeitos durante o período da pesquisa em questão. Vale destacar que os entornos (ambientes analógicos) necessitam de uma padronização e de um alinhamento efetivo com o MDS. As ações de melhoria representam recomendações que ampliam as possibilidades de acesso democrático dentro de toda a ecologia, além de oferecer contribuições valiosas para aprimorar a experiência dos sujeitos envolvidos e promover uma harmonia dentro da ecologia.

Enfim, é crucial compreender e validar a importância da ecologia informacional complexa do Museu da Diversidade Sexual e seu papel na promoção da diversidade e dos direitos humanos. Por meio dessa análise, foi possível explorar a interação entre os ambientes, as tecnologias e os sujeitos dentro dessa ecologia informacional. Como sugestão de trabalhos futuros propomos uma análise da ecologia do MDS pós pandemia, de modo a fazer comparações em sua estrutura.

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. São Paulo: Artmed, 2009.

BRITO, J. F. **Ecologia informacional complexa em museus: tessituras teóricas e proposta de modelo**. 193 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2023.

BRITO, J. F. F.; MATIAS, M. O museu da diversidade sexual sob a ótica da encontrabilidade da informação. *In*: Encontro nacional de pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação,

**XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB
Aracaju-SE – 06 a 10 de novembro de 2023**

19, Londrina, 2018. **Anais [...]**, Londrina: ANCIB, 2018. p. 5465-5472. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/102504>. Acesso em: 25 maio 2023.

BRITO, J.F; MARTÍNEZ-ÁVILA, D, VECHIATO, Fernando Luiz, VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti Gregorio. O Museu da Diversidade Sexual como ecologia informacional complexa: um estudo sob a ótica da encontrabilidade da informação e Arquitetura da Informação Pervasiva. **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 13, p. 853-871, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/27647>. Acesso em: 25 maio 2023.

COSTA, D. F. da. **Quando o campo é o museu**: uma etnografia da relação homem, tempo e objetos na cidade de Belém. 2016. 197 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2016.

LIMA, F. R. B.; SANTOS, P. L. V. A. C. A ubiquidade das artes nos ambientes virtuais de contemplação: imergindo na pinacoteca do Estado de São Paulo. **Em Questão**, Porto Alegre, vol. 24, n. 1, p. 174-193, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/71125>. Acesso em: 25 maio 2023.

LÓPEZ, G. O método etnográfico como um paradigma científico e sua aplicação na pesquisa. **Textura**, Canoas, v. 1, n. 1, 1999.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

NUNES, J. V.; CARNEIRO, B. L. F.; SILVA, A. W. C. Etnografia como possibilidade metodológica para a Ciência da Informação. **Biblios**, Peru, n. 77, p. 15-26, 2019. Disponível em: <https://biblios.pitt.edu/ojs/index.php/biblios/article/view/498>. Acesso em: 25 maio 2022.

OLIVEIRA, C. A. S. VECHIATO, F. L. Avaliação da consistência em ambientes informacionais digitais no contexto de ecologias informacionais complexas: proposta de checklist. **Biblos**, Porto Alegre, vol. 34, n. contexto, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/162755>. Acesso em: 25 maio 2022.

OLIVEIRA, H. P. C. **Arquitetura da informação pervasiva**: contribuições conceituais. 2014. 202 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014.

OLIVEIRA, H. P. C. de; VIDOTTI, S. A. B. G. Dos ambientes informacionais às ecologias informacionais complexas. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 26, n. 1, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/29438>. Acesso em: 04 nov. 2019.

OLIVEIRA, H. P. C.; FREIRE, B. M. J.; SILVA, J. M. D. Memória, memória eletrônica e memória digital nas ecologias informacionais complexas. **InterScientia**, João Pessoa, vol. 3, p. 1-14, 2015. Disponível em:

<https://periodicos.unipe.br/index.php/interscientia/article/download/9/7/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB
Aracaju-SE – 06 a 10 de novembro de 2023

OLIVEIRA, H. P. C.; LIMA, I. F. Navegando na Arquitetura da Informação Pervasiva: o artigo científico como ecologia informacional complexa. **Revista Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/71488>. Acesso em: 25 maio 2022.

TORINO, E. **Arquitetura de dados no contexto da Ciência da Informação**. 2023. 331 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2023.

WAKKARY, R.; EVERDEN, D. Museum as ecology: a case study analysis of an ambient intelligent museum guide. *In: Museums and the web, 2005, Vancouver. Anais do [...]*, Vancouver: Archives & Museum Informatics, 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/259147110_Museum_as_ecology_A_case_study_analysis_of_an_ambient_intelligent_museum_guide. Acesso em: 16 jun. 2023.

WILSON, T.D. Human information behavior. **Informing Science**, v. 3, n. 2, 2000.